

Posto 80

Copiadora C.AINF

Prof.: \_\_\_\_\_

Data: 08/05/12

Cópias: 26

jonas\_xerox@hotmail.com

Tudo ok

# ADEUS, BELA ADORMECIDA

MADONNA  
KOLBENSCHLAG

A REVISÃO DO  
PAPEL DA MULHER  
NOS DIAS DE HOJE

Tradução de Maria Silvia Mourão Netto

1ª edição — 1990

 editora  
**SARAIVA**

08/05/12

ISBN 85-02-00790-4

Título original: Kiss Sleeping Beauty good-bye

Copyright © 1979 by Madonna Kolbenschlag

Copyright © 1988 do prefácio e pós-escrito by Madonna Kolbenschlag

Publicado sob licença de Harper & Row Publishers, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira possível, sem permissão escrita, exceto no caso de uma pequena citação em resenha ou crítica literária.

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kolbenschlag, Madonna, 1935-  
Adeus, Bela Adormecida : o fim do feitiço dos mitos e modelos  
femininos / Madonna Kolbenschlag; tradução de Maria Silvia  
Mourão Netto. — 1. ed. — São Paulo : Saraiva, 1990.

ISBN 85-02-00790-4

1. Auto-realização (Psicologia) 2. Feminino 3. Mulheres - Psicologia  
4. Papéis sexuais na literatura I. Título.

CDD-305.42  
-155.633  
-158.1

90-1651

Índices para catálogo sistemático:

1. Auto-realização : Psicologia aplicada 158.1
2. Feminismo : Sociologia 305.42
3. Mulheres : Papéis sexuais : Sociologia 305.42
4. Mulheres : Psicologia 155.633
5. Papéis sexuais : Mulheres : Sociologia 305.42

 editora  
**SARAIVA**

Av. Marquês de São Vicente, 1697 — CEP 01139 — Barra Funda — Tel.: PABX (011) 826-8422  
Caixa Postal 2362 — Telex: 1126789 — FAX: (011) 826-0606 — São Paulo-SP

Distribuidores Regionais

Bauru: (0142) 34-5643	Fortaleza: (085) 231-7881	Recife: (081) 231-1764
Belém: (091) 222-9034	Florianópolis: (0482) 22-9425	Ribeirão Preto: (016) 634-0546
Belo Horizonte: (031) 461-9962	Goiânia: (062) 225-2982	Rio Branco: (068) 224-3432
Blumenau: (0473) 22-4558	Joinville: (0474) 22-8777	Rio de Janeiro: (021) 201-7149
Brasília: (061) 226-3722	Maceló: (082) 221-9559	Salvador: (071) 244-0139
Campina Grande: (083) 321-4397	Manaus: (092) 234-4664	São Luís: (098) 222-0107
Campo Grande: (067) 382-3682	Natal: (084) 222-2569	Teresina: (086) 223-0474
Cuiabá: (065) 321-5073	Porto Alegre: (0512) 43-2986	Uberlândia: (034) 236-4107
Curitiba: (041) 234-2622	Porto Velho: (069) 221-9405	Vitória: (027) 227-5933

Agradeço aos seguintes editores por terem permitido citarmos partes de trabalhos por eles publicados:

Doubleday & Co., Inc., *The three Marias: new portuguese letters*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa. Trad. Helen Lane.

*Conversations: working women talk about doing a "man's job"*, editado por Terry Wetherby, Copyright © 1977 Terry Wetherby. Reproduzido com a permissão de Les Femmes Publishing, Millbrae, Califórnia.

Citações extraídas de "Prayer for revolutionary love" e "Divorcing", de Denise Levertov, *The freeing of the dust*, Copyright © 1975 Denise Levertov. Reproduzidas com a permissão de New Directions.

*Surfacing*, de Margaret Atwood, Copyright © 1972 Margaret Atwood. Reproduzido com a permissão de Simon & Schuster, Inc., divisão da Gulf & Western Corporation.

Citações extraídas de *Becoming woman*, de Penelope Washbourn, Copyright © 1977 Penelope Washbourn. Reproduzidas com a permissão de Harper & Row, Publishers, Inc.

Citações de *The uses of enchantment: the meaning and importance of fairy tales*, de Bruno Bettelheim, Copyright © 1976 Bruno Bettelheim. Reproduzidas com a permissão de Alfred A. Knopf, Inc. Partes deste livro foram originalmente publicadas no *The New Yorker*.

É a inimiga da complacência; demanda uma conversão contínua. Os "mapas vitais" de Kierkegaard e Tillich, num certo sentido, devem ser vividos várias vezes em seguida. A maturidade espiritual é, de alguma maneira, uma função do relacionamento dialético entre eles. A mulher estará fadada a ser uma anã espiritual na medida em que sua vida não estiver envolvida nessa dialética.

As leis finais da vida cristã contradizem frontalmente a imagem da fêmea-padrão:

"Ama o teu próximo como a ti mesma".

"Que nosso amor não venha pelas palavras, mas pelos atos e pela verdade."

Não é possível amar outra pessoa enquanto não nos amarmos corretamente. Não é possível amar o outro, ou Deus, a menos que se tenha poder sobre si mesma, poder de escolher e agir. São fundamentais à maturidade espiritual a sensação de valor próprio e de criação de si mesmo.

O beijo que a Bela Adormecida espera para acordar não é o de nenhum príncipe: é antes o profundo contato com seu próprio ser.

## A LENDA

*"A Branca de Neve... enviada para a morte por uma madrasta enciumada cerca-se de 'pequenos' homens seguros, cada um deles portador de um defeito. Ela espera e deseja ser encontrada e salva."*

D. JONGEWARD, D. SCOTT, *Women as winners* (Mulheres como vencedoras)<sup>1</sup>

*"Essas mães dos contos de fadas são figuras femininas mitológicas. Para nós, definem o caráter feminino e delineiam suas possibilidades. Quando é boa, morre logo. Aliás, quando é boa, é tão passiva em sua vida que a morte só deve ser outra instância da mesma coisa. Descobrimos aqui o princípio cardinal da ontologia sexista: a única mulher boa é aquela morta. Quando é má, vive; ou, quando vive, é má. Tem uma só função real: a maternidade. Nessa função, uma vez que se mostra ativa, é então caracterizada por uma malícia extraordinária, uma ambição devoradora, uma avareza incontrolável. É grosseira, brutal, ambiciosa, um perigo para crianças e para outras*

1. Dorothy Jongeward e Dru Scott, *Women as winners*, Reading, Mass., Addison-Wesley Pub. Co., 1976, p. 56.

coisas vivas. Pode ser chamada de mãe, rainha, madrasta ou bruxa malvada: é a bruxa malvada, conteúdo de pesadelos, fonte de terror."

ANDREA DWORKIN, *Woman hating* (A raiva feminina)<sup>2</sup>

"A história da Branca de Neve adverte das nefastas conseqüências do narcisismo tanto para os pais como para o filho. O narcisismo de Branca de Neve quase que a destrói quando cede por duas vezes às artimanhas da rainha disfarçada para que fique ainda mais bonita, enquanto esta é destruída por seu próprio narcisismo."

BRUNO BETTELHEIM, *A psicanálise dos contos de fadas*<sup>3</sup>

2. Andrea Dworkin, *Woman hating*, Nova York, E. P. Dutton & Co., Inc., 1974, p. 41.

3. Bruno Bettelheim, *The uses of enchantment*, cit., p. 203.

Uma das primeiras companhias que temos em nossa imaginação é a de Branca de Neve. Quando somos ainda garotinhas bem pequenas, ela talvez seja a heroína dos contos de fadas com quem mais nos identifiquemos. Esse conto é universal; em praticamente todas as línguas e culturas aparecem variações. Essa história tem uma certa primazia no reservatório de fantasias que compõe nossa herança, sem dúvida porque se trata de uma metáfora para a mais fundamental das relações que constituem a experiência humana: a ligação mãe-filha.

Como todas as metáforas, Branca de Neve é tanto um programa para a investigação da experiência como um meio para sua interpretação e explicação. A existência se faz acompanhar de uma dupla desvantagem: sem uma relação íntima, desde o começo da vida, com uma figura materna, não podemos ter identidade, não podemos elaborar nenhuma sensação de nós "mesmos". Contudo, sempre há o risco da destrutividade inerente a essa relação, que pode aleijar e deformar o próprio *self* que cria. A madrasta malvada é uma invenção de nosso medo:

"O mito da madrasta corresponde, como contrapartida, ao mito da mãe, embora as madrastas não sejam nem melhores nem piores do que as mães; aliás, uma vez que a madrasta muitas vezes passa a fazer parte da vida da criança numa etapa mais adiantada, não tem como infligir ao bebê o trauma crítico que este sofre nas mãos da mãe. Disso decorre então que o abuso universal da madrasta é uma maneira de se ter um bode expiatório para nosso medo e nosso ódio da mãe"<sup>4</sup>.

4. Joseph Rheingold, *The fear of being a woman: a theory of maternal destructiveness*, Nova York, Grune & Stratton, Inc., 1964, p. 136-7.

Se a madrasta malvada é o elemento central das experiências no conto de Branca de Neve, o espelho que diz a verdade é o elemento mais simbólico. É um ícone do narcisismo e da inveja que constituem o centro emocional do conto. Muitas versões desse conto de fadas começam com o desejo da rainha de uma criança, uma filha, um reflexo de si mesma. Seu desejo é satisfeito, ela morre, aparece uma madrasta, imagem da mãe “má” que decorre da “boa”.

Algumas versões dessa história são mais explícitas em sua dramatização das raízes edípicas do ciúme da rainha (por exemplo, *A jovem escrava*, de Basílio, uma versão anterior, tem como causa do ciúme da mãe/madrasta o amor real ou imaginado do marido desta pela menininha). As versões mais populares, porém, deixam à imaginação essas conotações de incesto. Além disso, a dialética do narcisismo entre a rainha e o espelho mágico é o motivo dominante da ação. A madrasta malvada pressiona sua própria alma exigindo ser reassegurada de suas qualidades de atração. O espelho — tão parecido com ela, como uma filha! — responde com a verdade, mas de um ponto de vista que muda aos poucos. Branca de Neve passa a ser objeto de uma inveja virulenta, sádica e masoquista. “Branca de Neve deve morrer mesmo que isso me custe a própria vida.” Ela representa as qualidades positivas e favoráveis à vida que ameaçam a personalidade narcisista e insegura. Quando a madrasta malvada devora o que pensa serem o fígado e os pulmões de Branca de Neve (seus órgãos vitais), ela está retratando uma manifestação canibal primitiva da inveja, segundo a qual se acreditava que a pessoa adquiria o poder e as características daquele que era devorado. Esse elemento ficcional também simboliza as fantasias de mutilação muitas vezes projetadas na mãe pelos descendentes, fenômeno psicológico que é conhecido dos psicólogos infantis.

O período em que Branca de Neve permanece com os anões serve para seu crescimento assim como para testá-la. A condição de seu aprendizado é o *trabalho* que executa com zelo. Ela controla seus impulsos limitando-se a escolher al-

guns alimentos da mesa dos anões, a encontrar com cuidado uma cama “adequada”. Porém, sua natureza é ambivalente: “branca como a neve, vermelha como o sangue”. É inocente, mas tem sede de vida; é ávida por conhecer e também sentir. Luta para fugir da madrasta, entretanto se coloca compulsivamente sob seu poder, mais de uma vez. Deixa-a entrar, apesar dos conselhos e avisos dos anões e de já ter uma experiência anterior de seus disfarces e subterfúgios. A própria insegurança de Branca de Neve torna-a vulnerável às mesmas tentações do narcisismo que afligem sua perseguidora. Cada uma das tentações da rainha má convoca sua vaidade de um modo mais íntimo e essencial: primeiro, é o xale que ata seu corpo, depois, o pente que “envenena” sua cabeça, e, por fim, a maçã — impregnada de morte — que Branca de Neve absorve até o mais íntimo de seu ser.

Os anões atuam como testemunhas enigmáticas de sua transformação gradual. Há muitas interpretações desse conto que favorecem o significado “fálico” dos anões: são “homenzinhos” que escavam e experimentam a terra, minando-a, “penetrando com habilidade em buracos escuros” — mas essa conotação parece ter uma importância muito menor do que a interpretação mais tradicional, que os associa a habitantes de túmulos e de cemitérios, portanto a “espíritos ancestrais”. Segundo a perspectiva da denúncia, podem ser vistos como os arautos da morte (pois, na realidade, não conseguem reviver Branca de Neve após esta ter ingerido o veneno final). Os anões estão paralisados num certo ponto de seu desenvolvimento. Contrariamente à vida de Branca de Neve, as suas são isentas de conflito; estão excluídos do processo de transformação. A ajuda para Branca de Neve deve vir de mais além, de uma força transcendente.

Como acontece em muitos contos míticos, uma fruta ambivalente — a maçã — é colocada diante da heroína. Ela deve escolher entre comê-la e resistir à tentação. O risco de algum mal é inerente à possibilidade da experiência, seja no sexo, no amor, nos negócios, no campo dos conhecimentos ou

nas descobertas. Esse significado genérico mais amplo, por trás da apresentação da maçã, fica até certo ponto eclipsado por sua pertinência à estrutura fundamental da relação mãe-filha. A mãe reparte a “maçã” — a identidade feminina — conosco. O fruto está envenenado porque o processo está envenenado:

“Eu, que nunca tive muita certeza de como ser menina, precisava de outra vida, de outra imagem para me lembrar.

E essa foi minha pior culpa: você não poderia curá-la nem acalmá-la. Eu fiz com que você me encontrasse”.

Anne Sexton, “The double image” (A imagem dupla)<sup>5</sup>

Nesse processo de envenenamento, a “maldade” que atribuímos à mãe é uma projeção da metade sinistra de nós mesmas, que tanto gostaríamos de reprimir. No entanto, com grande freqüência, nossos esforços para sermos aquilo que ela *não* é confirmam nossa inevitável semelhança. Como observa Bettelheim:

“A rapidez com que Branca de Neve permite-se repetidamente ser tentada pela madrasta, apesar dos avisos dos anões, sugere como estão próximas de seus desejos mais íntimos as tentações da madrasta”<sup>6</sup>.

A relevância da relação mãe-filha para a transação da maçã é destacada pela associação da iconografia religiosa entre a maçã e o seio materno, o que sugere uma inextricável relação entre o vínculo materno e a falibilidade humana. Inclusive, existem muitos elementos no conto de Branca de Neve análogos à concepção tradicional do pecado original: “um estado de culpa, de fraqueza ou de debilidade encontrado nos seres humanos... antes de sua livre escolha pelo bem ou pelo mal. Um estado do ser, não um ato ou suas conseqüências”<sup>7</sup>.

5. Anne Sexton, *The double image*, in *To bedlam and part way back*, Nova York, Houghton Mifflin Co., 1960, p. 61.

6. Bruno Bettelheim, *The uses of enchantment*, cit., p. 211.

7. *New catholic encyclopædia*, sobre o “Pecado original”.

O efeito é o mesmo: um sono de morte da alma, uma morte em vida. O veneno só pode ser anulado pela intervenção de um trauma e de uma presença transcendental.

Se *Branca de Neve e os sete anões* dramatiza o aspecto negativo da relação mãe-filha, um outro conto, *Branca de Neve e Rosa Vermelha*, narra um complexo materno positivo. Branca de Neve, silenciosa e delicada, e Rosa Vermelha, extrovertida e impulsiva, são as filhas dedicadas de uma pobre viúva. Juntas compartilham de uma existência idílica num chalé isolado numa região distante; lá, como o conto assinala de modo indireto, estão a salvo da invasão de qualquer presença masculina, exceto pela figura de um urso amistoso que as visita de vez em quando.

Branca de Neve e Rosa Vermelha fazem várias incursões à floresta. A cada vez, encontram um anão malvado em alguma espécie de dificuldade. Ficam “com muita pena” dele e sempre ajudam-no a salvar-se. No encontro final, o urso amistoso contrapõe-se ao sentimentalismo das duas moças e mata o anão. Sua pele de urso cai por terra e ele se vê livre do encantamento lançado pelo anão e revela sua identidade de “filho de um rei”. Ele e Branca de Neve, assim como Rosa Vermelha e o irmão dele, vivem então felizes para sempre. A velha mãe vive “em paz e feliz com as filhas, ainda por muitos anos”.

Essa história pode ser interpretada como uma parábola da androginia. O “paraíso” feminino que as duas moças repartem com a mãe é descrito como uma vida isolada, incompleta. A condição para a realização e a felicidade dos personagens é que as duas deixem de lado seu sentimentalismo feminino (o ato de agressão do urso anula esse fator) e que o príncipe deixe sua “pele de urso” cair por terra. (A origem do termo “furioso”<sup>\*</sup> indica que isso conota uma qualidade excessiva, agueridamente masculina, uma espécie de machismo.)

\* Nota da Tradutora: no original, *berserk*, *bearshit*, onde *bear* significa urso.

O conto sugere que essa mútua transferência de qualidades é a chave para a humanização e para o equilíbrio social<sup>8</sup>.

Ambos os contos de fadas de Branca de Neve — e há inúmeros outros — centralizam seu foco no elo fundamental entre as mulheres, que é o pré-requisito do desenvolvimento de suas personalidades ao máximo. A realidade de nosso momento histórico exige que invertamos o padrão dos contos de fadas: devemos retroceder, resgatar e curar essas constelações femininas a fim de renovar e integrar o elemento masculino suprimido. O tema de Branca de Neve torna-se uma metáfora para nossa aspiração a uma “concepção imaculada” de nós mesmas, exorcizada de todos os efeitos deformantes e contrários à vida, presentes em nossa socialização como mulheres, e exorcizada de nosso destino de sermos filhas de nossas mães.

8. Marie-Louise von Franz, *Problems of the feminine in fairytales*, Middlesex, Inglaterra, Spring Publications, 1972, p. 54-5.

## 2

### BRANCA DE NEVE E SUA SOMBRÁ

Se se dissesse a verdade, a maioria das mulheres admitiria que “prefere” a companhia dos homens.

A pausa para o cafezinho com a vizinha ao lado ou com a colega de trabalho é um ritual necessário, até mesmo compulsivo. É uma espécie de posto de troca para o intercâmbio de confidências, de queixas de problemas físicos, de técnicas de educação infantil, de relatórios sobre encontros românticos, de dores-de-cotovelo, de receitas, de apoio mútuo. No entanto, é considerada como um encontro secundário, como uma dimensão da vida que de alguma forma é menos importante. Afinal de contas, a vida “real” da mulher acontece com seu marido, ou com parceiros sociais — e os amigos *deles* —, com patrões e colegas de trabalho, com médicos, professores, conselheiros e supervisores, a maioria dos quais são homens. Pelo menos parece que é assim, já que a maioria dos papéis sociais significativos na rede de relacionamentos da mulher normal são preenchidos por homens. E, se se dissesse a verdade, ser “um dos rapazes” é a secreta ambição de toda mulher.

Com sutileza, tem-se instilado nas mulheres, através de atitudes e mitologias vigentes sobre a condição feminina, o preconceito segundo o qual os relacionamentos entre mulheres estão fadados a ser triviais, inconstantes, superficiais e insinceros. As mulheres foram levadas a crer que com os homens é mais fácil de se conviver, que são mais diretos e leais, e, aci-

ma de tudo, mais interessantes. As mulheres tornaram-se párias de si mesmas em relação ao próprio mundo feminino, comportando-se da maneira como suas crenças as orientam.

Psicologicamente distantes de suas parceiras existenciais naturais, privadas do treinamento básico na arte de "formação de laços", as mulheres vêem-se presas à armadilha de funcionarem como sistemas de apoio individual para os empreendimentos masculinos e para suas redes de associações. São necessárias, toleradas, usadas, de um modo muito parecido com os mascotes, pelos times profissionais. A imagem de "tiete" é o símbolo do inevitável destino feminino. São formados relacionamentos efêmeros entre moças a fim de seguirem o rumo dos astros de *rock* ou dos ídolos esportivos. Quando os relacionamentos femininos são inconseqüentes, as mulheres ficam o mais vulneráveis possível à exploração masculina.

Nesses termos, o alheamento radical que existe nas bases da psique feminina não é um distanciamento do mundo dos homens, mas a alienação da amizade entre mulheres.

Onde é que isso começa? Quem é que lhe dá a maçã envenenada, que a força a refugiar-se no mundo de vínculos psíquicos com homens?

---

"Através de nossas mães, tomamos a pensar se somos mulheres."  
Virginia Woolf, *Um quarto só nosso*

---

Entramos no mundo como imagens no espelho de nossas mães; nosso destino é o de sermos não só seu reflexo, como ainda suas inquisidoras silenciosas. O relacionamento entre mãe e filha é o de maior intimidade, de maior intensidade, o mais simbiótico e simétrico vínculo conhecido dos seres humanos. É o grande universo inexplorado, o território desconhecido da psique. As artes e as ciências testaram, examinaram e dramatizaram todas as demais relações: entre amantes,

amigos, irmãos, pais e filhos, pais e filhas, mães e filhos. No entanto, as incursões no espaço emocional habitado por mães e filhas têm sido raras e tênues manifestações.

Para a maioria das filhas da classe média, é avassaladora a quantidade de tempo passado em contato com a mãe. Nos anos da infância, em que muitas vezes se pode gozar da exclusiva dedicação da mãe que não trabalha fora; durante o período escolar, quando a mãe é o motorista, o guia e o organizador de todas as atividades; durante a adolescência, quando a mãe é o principal agente social e representante dos consumidores (embora este também seja em geral um período em que birras temporárias e fases de distanciamento são comuns); no tempo de faculdade e na subsequente vida de casada, quando a mãe se torna um enorme poço de sabedoria, uma babá eventual e o "acampamento de férias" para as crianças; nos anos de viuvez ou de velhice, quando a filha se torna uma companhia e um vínculo importante diante de um mundo cada vez mais estreito de atividades e programas sociais; e, finalmente, durante as semanas e os meses de doença, no leito de morte da mãe, é a filha que fica lá, mesmo naquelas horas solitárias em que a mãe não sabe mais que é ela, a filha, que afofa o travesseiro ou resfria seu corpo febril, cortado pela dor.

Para muitas filhas, o tempo gasto em companhia da mãe é uma segunda vida. Ande por qualquer loja de departamentos, supermercado, metrô, restaurante, hotel, hospital e você as verá às centenas, mães e filhas juntas. É um relacionamento de absorção total, que gera enormes tensões e conflitos, e, não obstante, o menos comentado, o mais aceito como verdadeiro, o mais impenetrável a interpretações. Contudo, para algumas mulheres, o tempo verdadeiramente despendido com a mãe é mínimo ou, pior ainda, pode ser uma experiência muito negativa. Essas filhas menos afortunadas, porém, não escapam da intensa absorção que é o relacionamento com a mãe. No lugar da presença real materna (que pode estar morta, ausente ou confinada), a criança interioriza o *mito da mãe* de modo ainda mais desesperado e apaixonado. A filha pode

passar sua vida toda buscando e projetando a mãe perdida ou a “boa” mãe em amantes, amigos, mentores, grupos e instituições.

Uma vez que a mitologia social dominante na cultura norte-americana leva as crianças a esperar que tenham o direito a uma pessoa que funcione para elas como sua mãe exclusiva, capaz de oferecer-lhes amor incondicional, de satisfazer todas as suas necessidades, e de desempenhar determinados papéis estereotipados, quando essa expectativa não é cumprida as crianças passam por ansiedade e rancor. As mães também são vitimadas pela mitologia, pois são avaliadas segundo uma fantasia ideal que frustra e confunde as mulheres comuns. O efeito esmagador da mitologia é o de perpetuar expectativas extraordinárias por parte dos filhos e uma culpa monstruosa nas mães. No geral, as mães norte-americanas não têm confiança em seu papel de mães, e — na qualidade de pequenos espelhos fiéis — as crianças com frequência confirmam esse sentimento de inadequação.

É importante não subvalorizar o poder da mitologia social. O mito da maternidade foi, no princípio, um dos corolários da independência e da industrialização americanas. Conforme se ampliou a distância entre o lar e o local de trabalho, e se limitou a esfera de atividade das mulheres, tornou-se imperativo garantir que elas assumiriam com fervor e dedicação os papéis doméstico e de socialização dos quais os homens tinham abdicado por completo. A população tornou-se uma outra prioridade evidente numa economia industrial de rápida expansão. Assim, a mitologia cultural promoveu o culto da “domesticidade” e da “maternidade republicana”.

Uma das primeiras análises e denúncias importantes dessa mitologia insinuante e persistente foi o *Generation of vipers* (Geração de víboras), de Philip Wylie, publicado em 1942, em meio à Segunda Guerra Mundial, quando se encorajavam o patriotismo e a piedade filial. Wylie observou que a “mãe heróica” precisava ser cultivada na consciência pública durante o tempo da guerra, caso contrário o “instinto paci-

fista natural” de uma mãe poderia obstruir o caminho de evolução da guerra: ela poderia recusar-se a abdicar de seus filhos para o morticínio. Wylie sugeria que, quanto mais hipócrita a sociedade, mais otimista e obstinada em seus objetivos e ideologias, mais a mãe será idolatrada e mais a sociedade esperará dela. Sua tese parece confirmar-se pelas provas do Vietnã, quando, no final dos anos 60, uma profunda desintegração do farisaísmo americano veio acompanhada de um desencanto análogo pelo mito da maternidade. Assim, o culto da mãe aumenta e, às vezes, diminui, nessa sociedade, em proporção direta à fé em nós mesmos e em nossos projetos nacionais. O “destino manifesto” não poderia ter existido sem isso.

Se essa “maternidade imperial” vem sendo com frequência um consentimento para as exigências de um imperativo cultural heróico, também tem sido um gesto de protesto e uma espécie de vingança. Como fenômeno transcultural, podemos observar alguns paralelos interessantes com a experiência das mulheres mexicanas contemporâneas de classe média. As mexicanas solteiras de classe média em geral desfrutam a liberdade da emancipação econômica e social. Depois de casadas, o estilo de vida que levavam quando solteiras, no mercado de trabalho, é mudado de repente. Exige-se delas que se adaptem ao papel altamente tradicional e restritivo da esposa mexicana, agravado pela mitologia dominante do machismo nos maridos. Essas esposas insatisfeitas parecem compensar suas carências pessoais investindo toda ambição e energia na carreira da maternidade. A intensidade de sua dedicação pode ser também um meio para deslocar a dominação masculina na situação familiar:

“Os pesquisadores constataram que essas *madres* tentavam quase que literalmente apoderar-se de seus filhos, condicionando seus pensamentos, sentimentos e comportamentos, tomando todas as precauções para que permanecessem ‘fiéis’ a elas. As mães usavam o afeto — dando-o ou recusando-o conforme a ocasião — como o meio principal de condicionamento e obtenção de controle. Esse é o equivalente mexicano da técnica do ‘amor condicional’ da mãe norte-a-

mericana. Concluíram então que, de modo muito semelhante à mãe americana de classe média, sua equivalente mexicana aspira a uma maternidade 'bem-sucedida' porque sente que perdeu uma carreira significativa fora de casa<sup>9</sup>.

Não há mulher que consiga escapar à mitologia. A "fêmea-padrão" norte-americana deve converter-se, da noite para o dia, numa "boa mãe", e, se a transformação não "funcionar", ela é um fracasso. O processo da maternidade torna-se um perigoso jogo de atravessar na corda-bamba atada, de um lado, ao mito e, de outro, à realidade. Para manter o equilíbrio, as mães inevitavelmente se comunicam com os filhos — em especial as filhas — numa linguagem dúbia.

Desde cedo, a filha intui o duplo sentido das mensagens da mãe: "Sou sua mãe. Tudo que faço é por amor a você" ("Algumas coisas eu faço porque são esperadas. Às vezes tenho raiva dessas obrigações por causa do que você fez com a minha vida."); "Você é minha filha. Eu amo meu reflexo em você" ("Existem em você coisas de que eu não gosto, reflexos de meu próprio ódio de mim, e de meus medos."); "Quero que você ame seu corpo como eu" ("Mas não me sinto à vontade com o meu."); "Quero que você seja auto-suficiente" ("Porém não ingrata. Quero que você precise de mim sempre."); "Quero que você consiga atingir alguma coisa, que se afirme como pessoa" ("No entanto, não quero que seja pouco feminina."); "Quero que você seja mais do que eu fui capaz de ser" ("Porém, você não vai ter tudo. Terá de escolher uma coisa ou outra.").

Sendo assim, os primeiros "sinais" que a filha aprende a ler na mãe são sinais de ambivalência a respeito do que significa ser mulher. Ela transmite à filha o que um psiquiatra descreveu como o "medo de ser mulher".

O monopólio feminino em torno dos cuidados com o bebê intensifica a relação mãe-filha. A experiência primordial do

9. Hans Sebald, *Momism, the silent disease of America*, Chicago, Nelson-Hall Co., 1976, p. 52-3.

poder absoluto sobre todas as crianças localiza-se na mãe, na experiência da vontade feminina. Nossas primeiras respostas de prazer e de dor estão associadas a ela, e, por isso, sua sombra paira sobre todas as nossas experiências de intimidade, tanto as provedoras como as destrutivas. É ela quem estrutura nosso ser para desfrutar a segurança da simbiose e recear o trauma da separação.

Desse modo, como nos contos de fadas, cindimos a imagem materna em duas partes: a "mãe boa", provedora, que pensamos ser nossa mãe real, e a "mãe má", destrutiva, a quem associamos outras mulheres incapazes de amor materno: a madrasta arquetípica. Essa é uma percepção invertida, pois a "mãe boa" corresponde de fato a uma introjeção do mito, enquanto a "mãe má" é uma avaliação fantasiosa das limitações da mãe real, uma projeção de nossos próprios medos. Isso talvez explique por que pacientes psiquiátricos representam numa proporção inquestionável a mãe como "malvada", e por que "constroem elaborados sistemas de defesa psíquica contra a percepção de tais sentimentos"<sup>10</sup>.

Dessa forma, o mito da mãe contribui para a criação de uma mulher que é uma personalidade heterônoma, determinada em grande medida por valores e expectativas impostos de fora, sem de fato terem sido originados internamente. A mulher que dá à luz um filho antes de ter-se dado à luz defronta com a tarefa impossível de criar uma filha autônoma.

Não obstante, a simetria entre mãe e filha faz com que toda mulher tenha um determinado grau de determinação (e de falsa autoconfiança) na modelagem emocional de sua filha, que não incide necessariamente quando cria um filho:

"A mãe não se intromete muito com o filho, mas está o tempo todo acertando, ajeitando, tentando aperfeiçoar a pequena imagem feminina de si mesma, de um jeito semelhante àquele com que cuida de sua nunca perfeita aparência.

10. Joseph Rheingold, *The fear of being a woman*, cit., p. 2.

Como uma marionete, a mãe sente-se no direito de manipular a filha porque ela, a mãe, é uma mulher. Sabe como fazer. É especialista em mulheres<sup>11</sup>.

A semelhança produz uma tirania especial (quase todos os contos de fadas que destacam a presença de uma madrasta malvada invocam a filha, raramente o filho). Em sua autodefesa, a mãe se torna uma perfeccionista da socialização feminina, uma fiel intérprete do papel feminino tradicional. Duas são as mensagens que mais se repetem (tanto de modo explícito como implícito): "sem excessos" e "sem excelência". A mãe modera e limita sua filha; é provável que inverta o padrão com o filho. Essa influência moderadora da mãe sobre a filha é muitas vezes constatada em seus esforços para coibir o afeto excessivo na filha. Começa quando a criança ainda é bebê: o afeto e a aprovação da mãe pelo bebê do sexo masculino serão confirmados através de abraços amorosos, de tapinhas carinhosos, de toques e outras manifestações físicas. Se a garotinha realizar os mesmos atos, será em geral gratificada apenas com um sorriso nos lábios da mãe, ou com um elogio verbal:

"A sutil privação de demonstrações físicas de afeto de que as garotinhas em geral padecem em relação às mães torna as mulheres mais vulneráveis ao medo e à perda do elo de ligação dependente; para início de conversa, nunca puderam ter certeza dele. Isso faz as mulheres quererem se apegar até mesmo a homens que as tratem mal, tornando-as mais possessivas e competitivas na luta por quaisquer migalhas de amor que lhes sejam ofertadas... A ausência da manifestação física — que é a comunicação mais direta de segurança e aprovação que a mãe pode dar ao bebê — significa que a menininha não chegará a um sentimento completo de autonomia e de auto-estima<sup>12</sup>.

Quando os garotinhos começam a andar, espera-se que "brinquem sozinhos", e suas tentativas de masturbação são

11. Nancy Friday, *My mother/my self*, Nova York, Delacorte Press, 1977, p. 56 e 80. (Ambas as citações são de uma certa "Dra. Sanger".)

12. *Ibid.*, p. 58.

toleradas. Nas menininhas, quaisquer manifestações evidentes de natureza física — mesmo a curiosidade — serão em geral controladas de perto, ou interrompidas pela mãe. Sendo assim, as meninas aprendem a ser furtivas a respeito do próprio corpo e a desconfiar dele.

Mais tarde, quando a filha já tiver idade suficiente para entender elogios, a mãe irá racionar essas ocasiões, e ainda limitará o grau de adulação que a filha poderá aceitar ou buscar em outros. O medo que a mãe tem de fazer alguma coisa muito bem feita, e de ter comportamentos exibicionistas, irá "moderar" a efervescente vitalidade da garotinha.

Especialmente com as filhas, a mãe se comporta como um molusco. Ela alterna uma atitude de intimidade convidativa e de abertura, de afeição e de exploração, com um abrupto fechamento, e uma atitude rigorosa, quando a criança pede ou descobre muito. A tática do molusco apenas aumenta a dependência que a filha tem da mãe, pois ela é instigada a um relacionamento simbiótico e levada a precisar dele para sua própria sobrevivência. Permanecerá viciada nesse tipo de relação por toda a vida.

---

"A mãe não transmite apenas as mensagens de sua cultura, mas também as respostas às mensagens que recebeu de sua própria mãe. Por conseguinte, toda transação entre mãe e filha é, em certo sentido, uma transação entre três gerações."

Signe Hammer, *Daughters & mothers, mothers & daughters* (Filhas & mães, mães & filhas)

---

Por isso, mãe e filha estão interligadas numa auto-reflexão recíproca; dois espelhos que buscam o tempo todo a afirmação um do outro, no entanto, em muitas ocasiões, só são capazes de refletir ambivalência, uma insegurança congênita sobre a auto-estima, em geral baixa, e a negação do ego.

É irônico, mas, embora as mulheres tenham muitas vezes sido rotuladas de "narcisistas", sua preocupação consigo mes-

mas pode ser mais bem descrita como a ansiedade por si mesmas do que como uma verdadeira autocentração. O valor pessoal e a sensação de identidade sólida em suas bases resultam de uma intimidade narcísica inicial com a pessoa que tem o papel de mãe; simbiose que pode depois permitir a individualização e a separação. Infelizmente, no nível do relacionamento mãe-filha, esse processo muitas vezes é atenuado. Em vez de uma autocentração saudável e de um ego resistente, a filha tem mais chances de desenvolver uma preocupação intensa consigo mesma. Essa incessante averiguação interna é um narcisismo neurótico, uma observação contínua e compulsiva de um si-mesmo falso, criado para preencher o vácuo da identidade; não se trata de uma centração segura, formulada em cima de um si-mesmo espontâneo. Em sua forma mais aguda, esse vácuo psicológico pode produzir uma personalidade esquizofrênica. Uma expressão mais corriqueira e típica é a "fêmea-padrão". É provável que seja uma pessoa que mascare seu eu interior com hostilidade, medo e inveja, que vá a extremos: da vaidade à autodepreciação.

Portanto, o narcisismo deve ser entendido num duplo sentido. Um narcisismo primário saudável implica uma autocentração individuada. Na maioria dos casos, porém, o narcisismo implica os sintomas que acabamos de citar. Para muitas mulheres, esse é um obstáculo cruel ao desenvolvimento de sua pessoa como um todo.

A contaminação primordial que a maternidade sofre tanto do mito como da realidade cobra um tributo. Com muita frequência, a relação simbiótica com a mãe é apenas transferida, em vez de superada. Muitas vezes, os relacionamentos da vida adulta não são verdadeiros encontros com o "outro", mas, ao contrário, uma questão de troca de mães. As respostas emocionais do desenvolvimento sustado da filha soam o mesmo refrão repetidamente, como o toca-discos cuja agulha ficou pulando no mesmo ponto, em meio à melodia.

A síndrome de repetição também se evidencia nos familiares protestos de filhas que dizem não ser "como" suas

mães. "Ah, não, não sou como ela de jeito nenhum. Foi meu pai — ou minha avó — quem mais me influenciou." Negações que a realidade contradiz de forma implacável. As filhas absorvem e repetem, de modo invariável, a vida emocional da mãe. O autoconhecimento vem muito mais tarde:

"Quanto mais velha vou ficando, mais de minha mãe vejo em mim. Quanto mais opostas minha vida e minhas idéias se tornam às dela, mais a ouço em minha voz, mais a vejo em minhas expressões faciais, mais a sinto em reações emocionais que identifico como minhas. É quase como se, ampliando a mim mesma, o círculo se fechasse por completo"<sup>13</sup>.

As filhas são as herdeiras essenciais da psique materna, e as moças da era contemporânea não são exceção. O fenômeno do "rebote" é, em geral, a prova de uma inoculação bem-sucedida apesar dos protestos verbais de liberação manifestos pela mãe. A tendência da filha é conformar-se aos sentimentos e às respostas inconscientes da mãe, mais do que a sua consciência trabalhada.

Isso pode explicar também a síndrome de medo do sucesso em mulheres excepcionais, e a tendência de mulheres orientadas para a realização profissional que, depois de casadas, retomam papéis regressivos. "A mãe começou por nos ensinar como ser mulheres e esposas muito tempo antes que o pai aparecesse para nos ensinar a ter êxito no escritório"<sup>14</sup>. Será preciso mais de uma geração para desfazer o nó materno.

Pelos mesmos motivos, o drástico aumento na incidência de adolescentes grávidas revela compulsões não desvinculadas do relacionamento mãe-filha. Uma recente força-tarefa relatou que a gravidez em adolescentes norte-americanas compõe um dos índices mais elevados para a população adolescente mundial: cinquenta e oito nascimentos em cada mil mulheres de quinze a dezenove anos. Muitas vezes a culpa pa-

13. *Ibid.*, p. 26 e 400.

14. *Ibid.*, p. 244.

ra tais estatísticas alarmantes é atribuída à revolução sexual. As racionalizações explícitas das adolescentes muitas vezes sugerem outros fatores: "Eu queria alguém a quem pudesse amar e que me amasse". "Eu queria ter uma coisa minha." Por trás, no entanto, encontramos uma outra explicação mais fundamental: muitas dessas garotas estão aprisionadas pela teia da simbiose sustada. Com sua própria gestação de um filho querem recapturar o narcisismo todo-envolvente e/ou abortado do vínculo materno, querem viver a sensação de ser o objeto de um amor exclusivo. No mais profundo dos níveis, sua própria auto-estima e seu senso de valor pessoal foram deformados, e a única compensação repousa numa repetição.

Somente há poucos anos foi que a arte contemporânea começou a investigar os abismos do relacionamento mãe-filha. Uma miúda fatia de reminiscências, romances, peças de teatro e filmes vêm ousando explorar esse território desconhecido. Mães e filhas estão invadindo os espaços egóicos das representações dramáticas de um modo tal que sugere ser esta a última fronteira psíquica. Ao compreendê-la melhor, compreenderemos melhor a nós mesmas. O cinema em particular é um meio bastante eficaz para espelhar as sutilezas e as nuances do que se passa entre mães e filhas, e grande parte disso não é verbal.

A mitologia ainda insiste, mas uma perspectiva mais irônica está vindo à tona, uma desmitificação de ambos os papéis. O surrealismo de Altman em *Três mulheres*\* apresenta uma paródia matriarcal da família patriarcal; talvez seja mais uma mostra dos temores masculinos diante de mulheres zangadas e da descartabilidade dos homens, do que um verdadeiro reflexo dos relacionamentos femininos. *Momento de decisão*\*\* celebrou a "boa mãe", mas também constatou o quan-

to a maternidade a havia tornado algo menor do que ela poderia ter sido, e ainda dramatizou a realidade de que sua filha precisa de mais que uma figura materna. *Sonata de outono*\* enfoca a "mãe má", porém com uma tal ambigüidade que a obra fica assinalada como um soberbo veículo de sentimentos humanos complexos. A mãe má é ainda retratada nesse filme como fonte exclusiva da infelicidade e das falhas de caráter da filha, do ponto de vista desta, Eva. O outro ponto de vista, dolorosamente emudecido, está suprimido no mutismo de Lena, a segunda filha, aleijada e doente. O ritual de tortura recíproca encenado por Charlotte, a mãe, e por Eva, a filha, silenciosamente presenciado por Lena, é um testemunho terrível da força desse relacionamento primário. O silêncio e a imobilidade de Lena simbolizam a atual luta em que atravessamos caladas o ritual de um doloroso exorcismo do mito da maternidade, ansiando por um tempo em que mães e filhas não mais precisem culpar umas às outras com tanta intensidade, porque não vão mais precisar umas das outras com tanta força.

---

"Quem matamos, que imagem no espelho, a da mãe, a nossa, a de nossa filha????? Sou minha mãe ou minha filha?"

Anne Sexton, *Letters* (Cartas)

---

A mãe é o primeiro espelho em que nos miramos quando partimos em busca de auto-afirmação. O reflexo é muitas vezes ambivalente e distorcido e, assim, nossa busca por outros espelhos — outras mulheres — é hesitante e incerta. Independente de as procurarmos como almas gêmeas ou modelos de papéis, nossa maior propensão é nos apegarmos a elas como se fossem salva-vidas, deixando de crer em nossa própria vitalidade e força de ego. Já comentamos a respeito do provi-

\* Nota do Editor: *Three women* (1978).

\*\* Nota do Editor: *The turning point* (1977), direção de Herbert Ross.

\* Nota do Editor: *Autumn sonata* (1978), direção de Ingmar Bergman.

mento mais afetuoso e efetivo que as mães normalmente dão aos filhos do sexo masculino, em comparação com os do sexo feminino. Essa privação parece ser característica da relação entre mulheres em geral. Observa Phyllis Chesler:

"As crianças do sexo feminino são literalmente levadas a precisar do matrimônio para sobreviver, não pelo casamento em si, mas pelo abastecimento emocional que o contato físico provê e pela herança de poder e humanidade oriunda dos adultos de seu próprio sexo ('mães')"<sup>15</sup>.

Sendo assim, é inevitável que esperemos demais ou de menos de nossos relacionamentos com outras mulheres. Os efeitos da socialização feminina diminuem numa considerável proporção nossa capacidade para a autêntica solidariedade entre mulheres.

Muito tem sido dito nos últimos tempos sobre a necessidade da "formação de vínculos" entre mulheres. Presume-se que os homens já dominaram essa arte e que as mulheres não, em grande parte porque não tiveram as mesmas oportunidades. Porém, assim como acontece com os meninos, desde os três ou quatro anos e, com certeza, a partir dos seis, a maior parte das situações de brincadeira entre meninas se dá com crianças do mesmo sexo. Na realidade, à exceção do tempo de namoro, noivado e casamento, o mundo da mulher — como o da maioria dos homens — é um mundo sexualmente segregado.

Desse modo, não se pode alegar que a sociedade — pelo menos em seus anos de formação — isole as mulheres entre si. Entretanto, os homens se "ligam", e as mulheres não. É evidente que esse fenômeno tem que ver com a natureza qualitativa da experiência comum. Em geral, os homens passaram mais pelos esportes de grupo durante sua fase de crescimento, ou pelo menos viveram o clima de "equipe". Depois de adultos, é comum participarem de mais atividades que exigem so-

15. Phyllis Chesler, *Women and madness*, cit., p. 18.

lução de problemas e atuação no mundo, em comparação com as mulheres. Por conseguinte, o significado do projeto que é repartido tem mais relevância do que o grau de intimidade. (As mulheres trocam "intimidades", mas não se "ligam".)

Entretanto, as mulheres devem ambicionar mais do que a experiência masculina nos tem oferecido até aqui, em nossas relações sociais. O mito da vinculação masculina é tão exagerado quanto o mito da maternidade, quando comparados a realidade com a ilusão. As ligações, para a maioria dos homens, constituem um certo apoio superficial, uma determinada estruturação para suas vidas, porém isso não cria amizade ou intimidade. Os homens se reúnem para conversar sobre amenidades, para fazer acordos de negócios, para beber, jogar golfe, mas não para ficar íntimos, não para trocar revelações sobre si mesmos:

"Os homens se sentem muito à vontade quando se encontram em grupos. A situação grupal dilui quaisquer possíveis suspeitas a respeito da intensidade de sentimentos entre alguns homens em particular e funciona também como segurança numérica: 'Estão todos aqui'. Em termos de comunicações pessoais, que exigem um nível de confiança e de entendimento mútuo em geral não compartilhado por todos os membros do grupo, crescem as dificuldades e aparecem as desculpas para que se evite esse perigoso território. Além de oferecer aquilo que os homens mais buscam em suas amizades masculinas: a mútua confirmação de sua masculinidade"<sup>16</sup>.

Os "companheiros" de combate da Segunda Guerra, as "duplas de tiras" dos populares seriados de TV, e a síndrome Paul Newman-Robert Redford dos filmes reforçam o mito. Uma análise mais profunda revela, em muitos casos, a qualidade efêmera e superficial desses relacionamentos. Por exemplo, durante a última guerra, observadores ingleses ficaram confusos diante de uma aparente contradição entre a consideração

16. Marc Feigen Fasteau, *The male machine*, Nova York, MacGraw-Hill Book Co., 1974, p. 17.

dos soldados norte-americanos pelo “companheiro” e os resultados de um detalhado levantamento que mostraram como, na realidade, eram transitórios esses relacionamentos<sup>17</sup>.

Já as mulheres não ficam tão à vontade em grupos, principalmente porque isso confirma e acentua sua identidade feminina, classe que é excluída da casta dominante de nossa sociedade. Em parte esse sentimento é uma introjeção da paranoia masculina tradicional a respeito de mulheres em grupo. Aristófanes, em *Lisístrata*, tratou essa projeção de maneira humorística. Os primeiros manuais americanos de conduta acautelavam os homens a não permitir que suas esposas se reunissem muito com as amigas, senão corriam o risco de ver sua “soberania natural” como maridos ameaçada pelos “esquadrões de quarteirão das comandantes”. Outros autores, dotados de um menor senso de ironia ou justeza, abordaram o problema com um sádico tom de vingança, purgando as “bruxas” e outros sanguessugas da energia feminina. No escritório típico de hoje, uma tropa de secretárias não chama a atenção, mas uma meia dúzia de executivas em início de carreira almoçando juntas tem probabilidade de suscitar na mente de muitos homens a idéia de estarem “conspirando”. É o mesmo no *campus* universitário, quando se vê um grupo de rapazes: isso não chega até a consciência. Tampouco se dá atenção a um grupo de alunas, porém um grupo de docentes do sexo feminino... como voam os comentários! como se multiplicam os complôs!

O que evidentemente está acontecendo é a reação da casta dominante a uma ameaça a sua hegemonia estabelecida. Isso talvez explique por que os homens que podem tolerar casais de homens homossexuais não deixem de ficar ultrajados pela idéia de casais de lésbicas. Percebem-nos como um ato de anarquia social.

As mulheres podem ser perdoadas por se sentirem instin-

17. Margaret Mead, *Male and female*, Nova York, Mentor ed., 1949, p. 214.

tivamente incomodadas em grupos só de mulheres. A menos que tenham sido até certo ponto isoladas do mundo real (como acontece em conventos e em escolas religiosas só para moças), o mais provável é que sofram projeções negativas do contexto social que as cerca. Por isso, as mulheres se sentem mais à vontade em relacionamentos íntimos particulares. Nem por isso são mais capazes que os homens de uma verdadeira amizade.

Na verdadeira acepção do termo, a amizade talvez seja a capacidade individual menos cultivada nas relações sociais norte-americanas. Um relacionamento entre iguais, do mesmo sexo ou não, que implique intimidade, lealdade, partilha incondicional e altruísta — fora do casamento — é uma raridade em nossa cultura.

Os antropólogos descrevem o fenômeno das “díades arquetípicas”, específico de culturas individuais, e comentam sobre a influência que exerceram na construção da realidade social, na Europa, com sua hegemonia pai-filho; na África, com sua primazia tribal, de irmão para irmão. Nos Estados Unidos, a relação arquetípica dominante é o casal romântico, enfatizado pelo mito do Novo Mundo, o início paradisíaco. A díade romântica exerce uma influência poderosa e inexorável sobre todas as relações no seio da cultura e, implicitamente, nega a validade de outras constelações. É inevitável que o “outro” significativo seja visto como um parceiro sexual em potencial. Portanto, nunca houve em nossa sociedade um papel social bem definido para o *amigo* do sexo oposto, em especial no caso de pessoas casadas. A tirania da “díade romântica” é tão forte que — em nossa sociedade — consegue dotar todas as relações de um clima sexual. Decorre daí o medo descabido, em relações entre pessoas do mesmo sexo, de permitir que o vínculo se torne muito pessoal, muito homofílico. Esse medo é sintomático de uma cultura permeada pelo narcisismo neurótico, tantas vezes caracterizado pela genitalização, pela misoginia, pela analidade, pela homossexualidade.

No geral, a cultura norte-americana não possui um clima hospitaleiro e de incentivo à amizade autêntica, seja entre homens e mulheres, seja entre pessoas do mesmo sexo.

Se a sociedade é hostil à amizade, as próprias mulheres estão em desvantagem quando se conformam ao papel sexual feminino. A fêmea-padrão não costuma criar amizades duradouras. Sua orientação para um relacionamento único e exclusivo e sua necessidade de investir toda a energia emocional nele tornam-lhe difícil sustentar um amor intenso por mais de uma pessoa de cada vez. Por outro lado, a idéia de que o ser amado possa também amar outra pessoa, com igual intensidade, é muito ameaçadora. Esse padrão é visível em meninas que preferem brincar com sua “melhor amiguinha” em vez de em grupo. Está ensaiando para o “Exclusivo”, para aquele relacionamento único que supostamente lhe trará a plena realização de sua vida. Nada mais, nenhuma outra relação importa de fato.

O papel feminino convencional fixa as prioridades de uma mulher nos seus relacionamentos. A amizade com uma mulher é preservada somente enquanto não entrar em conflito ou não ameaçar o importante relacionamento com o homem. Toda mulher sabe o que é “perder um programa” à noite, por causa de uma amiga, quando “Ele” telefona e a convida para sair.

A centração no outro, vigente no papel feminino convencional, como notamos antes, diminui a capacidade das mulheres para amizades autênticas com outras mulheres, pois torna-as capazes de usar mecanismos de controle: “Sua excessiva identificação com a outra pessoa significa que ela não consegue tolerar um comportamento diferente do seu. Ela impõe uma pesada carga de vergonha e de culpa se o outro deixar de comportar-se do modo como ela ditou”<sup>18</sup>. O papel feminino convencional também condiciona as mulheres a ne-

cessitar de inferiores que as admirem e de superiores que as aprovem. É provável que tenham menos experiência e motivação para relações com outras pessoas como seus companheiros, camaradas, colegas e amigos. Sua necessidade de relacionamentos simbióticos e de alguém que acolha seu frágil ego explica a vaga sensação (às vezes histérica) de muitas mulheres quando confrontadas com o silêncio numa conversa ou num prolongado período de solidão. É desnecessário dizer que pelo mesmo motivo muitas mulheres temem situações sociais novas e têm menos interesse em “xeretar” sozinhas. Em geral, a mobilidade é um indicador de autonomia.

A repressão de comportamentos manifestos em mulheres também tem comprometido sua capacidade para fazer amigas na medida em que as condiciona a um comportamento agressivo-passivo. Uma vez que a assertividade transparente é menos aceitável numa mulher, ela desenvolve dispositivos encobertos de manipulação verbal e emocional: mecanismos produtores de culpa, ou mesmo um gesto simples como um olhar prolongado — que pode substituir um soco na boca! Ela pode criar hábitos de enganar ou esquivar-se, ou artimanhas de desproteção e até mesmo invalidez. Ela pode dizer “sim” quando na verdade é “não”; fingir aquilo que não está sentindo. Pode repartir intimidades e mexericos com outra mulher, mas falta-lhe a espontaneidade, a franqueza e a segurança interior que a amizade autêntica requer. Seu eu ainda não se descartou de suas camadas de acobertamento, de suas máscaras, das caras falsas, do “cala-boquismo” descrito por Kierkegaard como “o estado de estar em pecado”. Falta-lhe o que ele chama de a qualidade fundamental da pessoa espiritualmente genuína: a *transparência*<sup>19</sup>.

O “cala-boquismo” não é só psicológico; é físico também. No geral, as mulheres temem e sentem-se inseguras a respeito de seus corpos; chegam mesmo a ter vergonha deles.

18. Ann Schoonmaker, *Me, myself and I*, Nova York, Harper & Row, 1977, p. 38.

19. Shirley Sugarman, *Sin and madness, studies in narcissism*, Filadélfia, Westminster Press, 1976, p. 34 e s.

Em parte como uma introjeção de atitudes sociais que desprezam a anatomia feminina, e em parte como resultado de mecanismos maternos de privação-culpa, as mulheres têm medo de ser “físicas”. São condicionadas a experimentar a fisicalidade — seja ela violenta, destrutiva ou agradável — somente quando instigadas por um homem. Além do mais essa fobia, junto com a exclusão das mulheres de esportes em equipe e do atletismo quando crianças, priva-as do saudável prazer narcisista do equilíbrio físico e do controle do meio ambiente, cultivado nos meninos. A energia física das mulheres vai sendo em grande medida canalizada para manifestações provedoras ou para a sexualidade sedutora. Por conseguinte, as mulheres mostram-se propensas a evitar ou desmerecer a fisicalidade assertiva de outras mulheres.

A inibição física é um outro obstáculo à “transparência”, necessária à autenticidade e à amizade. Favorece ainda uma vulnerabilidade à exploração comercial. Um motivo pelo qual a madrasta ruim consegue tentar tão facilmente Branca de Neve é a insegurança desta: ela também está preocupada com “quem é a mais bela”. Ela sucumbe, não às tentações de uma arrogância prometética, mas às vãs mesquinhas da máscara feminina.

---

“Perguntei-lhe com crueldade e brutalidade, como talvez Henry tivesse feito: ‘Você ama mulheres? Você já considerou seus impulsos pelas mulheres?’.

Ela respondeu, num tom de voz baixo: ‘... Já considerei meus sentimentos. Estou bastante consciente deles. Porém, nunca encontrei pessoa alguma com quem tivesse desejado vivê-los, até agora. Não estou certa do que é que desejo viver’.

Anais Nin, *Diário*

---

Dentre os “sete pecados capitais” tradicionais, o mais representativo dos obstáculos à autonomia feminina sem dúvida é o da inveja. O monstro de olhos verdes é especialmente

característico das relações entre as mulheres, não no sentido superficial que a crença popular assume, mas de um modo muito mais profundo e fundamental.

Simone de Beauvoir descreveu o problema da amizade entre as mulheres da seguinte maneira:

“O sentimento de companheirismo nas mulheres raras vezes chega a tornar-se uma amizade verdadeira. As mulheres sentem a solidariedade mais espontaneamente do que os homens; entretanto, dentro dessa solidariedade, a transcendência de cada uma não alcança as outras, pois todas estão juntas olhando de frente para o mundo masculino, cujos valores desejam monopolizar só para si. Suas relações não são construídas sobre suas individualidades, mas são imediatamente vividas no plano geral, e disso surge de imediato o elemento de hostilidade... O mútuo entendimento entre as mulheres deriva do fato de se identificarem umas com as outras; no entanto, pela mesma razão, cada uma está contra todas as outras”<sup>20</sup>.

A mulher é o estrangeiro arquetípico. Sua existência psíquica, consciente ou inconscientemente, é semelhante à experiência de muitas subculturas étnicas e de algumas minorias raciais; pessoas cuja existência é dominada por um senso esmagador de distância cultural e que, por conseguinte, em razão de suas vidas culturalmente acidentais, têm uma existência simbólica e vicária. Os antropólogos têm constatado que um dos fatores mais importantes na inibição da mobilidade vertical em sociedades etnicamente estratificadas é o problema da inveja. Em muitas subculturas hispânicas, por exemplo, êxito e progresso são considerados uma traição ao grupo, um entregar-se aos “ianques”. Por causa disso, as pessoas de língua espanhola mais dotadas relutam, muitas vezes, em assumir um papel de destaque devido ao ressentimento e ao ostracismo que lhes poderá suceder. A maioria inclusive tenta manter-se à distância de possíveis líderes, de modo que o gúeto se perpetue. Essa tendência também pode ser observada na comunidade negra. Assim também em famílias tribais primiti-

---

20. Simone de Beauvoir, *The second sex*, cit., p. 513.

vas, o destaque de uma pessoa por um desempenho de bom nível pode ser confrontado com desprazer e inveja. Existe uma aversão característica ao surgimento de uma liderança forte<sup>21</sup>. Esse fenômeno explica o lento ritmo do crescimento cultural porque incentiva a resistência à inovação.

Não nos deve surpreender, portanto, a força do rebote que veio na esteira do movimento feminista. A situação é análoga: trata-se de uma avassaladora manifestação de inveja. Contém os traços identificáveis dessa anatomia: medo do sucesso do outro, autopiedade, confiança cega na segurança passada, identificação com um papel social subordinado, claramente estipulado. Tal como se dá com subculturas e com os povos primitivos, trata-se de uma resposta reacionária a qualquer um que tenha condições de criar mudanças.

“Uma inveja sempre presente, o medo dela, e as pessoas que têm esses sentimentos estão segregados de qualquer espécie de ação comunitária dirigida ao futuro”<sup>22</sup>. No seio do próprio movimento feminista, uma grande dose desse medo ainda precisa ser exorcizada. Quando grupos de mulheres conseguem de fato superar esse traço que lhes é inerente, começam a causar impacto na sociedade.

Se a inveja é um fato político da vida para a maioria das mulheres, também é um problema pessoal para muitas delas. Adrian Van Kaam considera-o o índice mais fundamental e crucial da personalidade: ou a pessoa é uma personalidade “original” ou é uma “invejosa”. “Originalidade” é apenas uma outra definição de auto-realização, autocentração, autonomia. A pessoa original tem um autoconceito forte, uma forte motivação, decisão, criatividade. A pessoa original não se coíbe por constrangimentos ou temores, por compulsões interiores ou obstáculos externos. É dotada de uma habilidade intrínseca ou adquirida para trabalhar, ter lazer, desfrutar o

21. Helmut Schoeck, *Envy, a theory of social behavior*, Nova York, Harcourt, Brace & World, 1970, p. 166. Trad. Michael Glenny e Betty Ross, p. 27 e 57-8.

22. *Ibid.*, p. 50.

prazer, rir, fantasiar, fazer gozações, ser séria, ser espontânea, ser si mesma.

A personalidade invejosa, como seria de esperar, é em geral o oposto. Pessoalmente insegura, centrada no outro, movida por motivos heterônomos e por ansiedade relativa a si mesma, a pessoa invejosa é tanto vítima como vitimizante. O elemento crucial da inveja é o instinto de “nivelar”, de igualar. “A pessoa invejosa não quer tanto ter o que os outros possuem quanto anseia por um estado de coisas em que ninguém desfrute o objeto desejado ou o estilo de vida almejado.” A inveja é destrutiva. Se a pessoa invejosa não consegue “nivelar” o objeto da inveja, é provável que a hostilidade se volte contra o eu. “O homem invejoso está perfeitamente preparado para se magoar se, assim procedendo, ele puder magoar ou prejudicar o objeto de sua inveja. Muitos atos criminosos, e em alguns casos inclusive o suicídio, tornam-se mais compreensíveis se essa possibilidade for levada em conta”<sup>23</sup>.

Na medida em que as mulheres são impossibilitadas de se auto-realizar e de exercer sua transcendência, estão fadadas a ser invejosas. Dentre os sintomas associados à personalidade invejosa constam muitos em geral considerados “típicos” da situação feminina, mas, na realidade, trata-se de sintomas da privação dos meios de se chegar à humanidade plena, à completa originalidade e integridade.

Por exemplo, enquanto as pessoas invejosas muitas vezes cometem atos estratégicos destrutivos e agressivos, como mexericos, difamação, comentários que desvalorizam o objeto de sua inveja, é igualmente provável que assumam comportamentos autodepreciadores. As expressões de autodesvalorização — “Sou emotiva demais para enfrentar isso”; “Simplesmente desmancho quando me criticam”; “Não consigo pensar em nada para falar”; “Eu não consigo fazer o que ela faz” — podem ser indicações de inveja. A depressão, os padrões de

23. *Ibid.*, p. 22 e 225.

pouca energia, a passividade são também escapes característicos da personalidade invejosa. “Não posso fazê-lo, portanto não farei coisa alguma.” Inércia e inveja são irmãs. Autopiedade e masoquismo são talvez suas expressões mais radicais.

A pessoa invejosa pode ainda encontrar compensação em fantasias de acúmulo e competição. Homens invejosos podem fantasiar sobre celebridade, riqueza, onipotência; talvez empreendam mudanças profissionais impulsivas ou saiam da escola. No caso de mulheres, as fantasias mais prováveis talvez girem em torno de seu poder de atração e de consumo; as fugas serão vícios. A pessoa invejosa na maioria das vezes dirige suas frustradas ambições no sentido de um alto nível de consumo de bens que não possam ser repartidos com facilidade. A pessoa escolhe *ter* em vez de *ser*. Isso não significa que somente os ricos são invejosos. O consumo é relativo. Monges, freiras e mesmo os mais pobres e desprovidos têm chance igualmente alta de substituir o serem criativos por uma atitude consumista.

Claro que a inveja é o obstáculo mais sério à amizade e à formação de vínculos. Em sua pior forma, ignora ou nega a existência do outro. “Eu poderia perdoar-lhe tudo, exceto quem você é, e o que você é. Exceto que eu não sou o que você é.” O hábito da inveja alimenta-se de si mesmo. A pessoa invejosa interage sempre com os outros de tal modo que essa inveja não pode ser mitigada. A gentileza pode inclusive torná-la pior. A percepção em relação ao outro fica distorcida; vendo o mundo estrabicamente, a pessoa invejosa está procrastinando a contínua reinfecção de si mesma com essa doença<sup>24</sup>.

A inveja surge entre iguais ou entre aqueles que são quase iguais. É um fenômeno de proximidade social. Por isso, a dona de casa que depende da vizinha do lado para ter companhia e apoio pode — ao mesmo tempo — ter uma poderosa inveja dela. Uma verdadeira amizade entre ambas talvez seja

24. *Ibid.*, p. 59 e 183.

impossível por causa de suas respectivas inseguranças, que as tornam personalidades essencialmente invejosas. A incapacidade de amar os que estão próximos pode, de forma paradoxal, resultar num amor deslocado para quem está distante. O envolvimento em causas abstratas, em movimentos pela justiça social, em trabalho voluntário, pode às vezes ser o resultado da incapacidade de criar amizades verdadeiras com os que estão mais perto: a própria família, a vizinhança, os colegas de trabalho, os conhecidos em nível social.

Para muitas mulheres, a vida se torna uma gangorra, oscilando entre os próprios impulsos invejosos e o medo de provocar a inveja alheia. Essa talvez seja a qualidade mais fundamental da vida heterônoma. Uma boa parte do que se tem dito sobre “o medo do sucesso” das mulheres poderia ser mais bem descrita como “a culpa por ser desigual”. Até num grupo de estenógrafas, a rapidez de uma poderá suscitar em suas colegas mais lentas uma sensação de culpa paralisante, impedindo-as de se esforçar para melhorarem. O mais trágico é que há a probabilidade de a estenógrafa veloz sentir-se culpada por sua capacidade de sair-se melhor, impelindo-a a moderar seu desempenho e a, quem sabe, ter atitudes autopunitivas para conquistar o perdão das demais. A evitação-inveja é tão destrutiva para a autonomia feminina quanto a própria inveja. O fenômeno é especialmente característico de grupos nos quais estão presentes expressivos contingentes de mulheres: escritórios, escolas, organizações religiosas. O receio de exhibir ostensivamente a própria originalidade pode terminar embotando-a. Mais uma vez, o dilema da Branca de Neve:

“Quando a tática da inveja põe em risco a eficiência de minha vida e de meu trabalho, seria melhor que eu considerasse essas questões a sério e as enfrentasse com sabedoria. Posso ser tentada a desistir da resistência apenas porque desejo muito ser parte do grupo. Recuso-me a constatar a presença exigente do que existe de melhor em mim...”

Talvez elas não saibam, com toda a honestidade, o quanto de testam que eu manifeste minha motivação pessoal na vida diária. O veneno de sua inveja pode vir acondicionado em atraentes embalagens.

gens, diante das quais espera-se que eu vibre de prazer. Alguns desses invólucros podem ser boas amizades, interesse pela minha saúde, atenção à minha sanidade, virtude, boa fama. Quanto mais venenoso o conteúdo, mais encantador é provável que seja o pacote<sup>25</sup>.

A inveja floresce naqueles que se recusam a assumir a carga da mesmidade, naqueles que abdicam de sua própria singularidade e do poder da ação criativa e, acima de tudo, naqueles que não se amam de verdade.

---

"Amamos quando temos uma folga em nossas preocupações com nós mesmos; e sempre estamos preocupados com nós mesmos, a menos que saibamos que outra pessoa além de nós está preparada para sustentar o significado de nosso ser."

Grace Stuart, *Narcissus* (Narciso)

---

Em sentido psicológico, a "folga em nossas preocupações com nós mesmos" é, certamente, o que desejamos dizer com "o estado de graça", em termos de vida espiritual. Nesse contexto, o narcisismo danificado que tantas vezes decorre do relacionamento mãe-filha e da socialização feminina pode ser entendido como uma espécie de "pecado original", e poucas são as mulheres que escapam a sua mácula. Na medida em que essa incapacitação produz o medo da autonomia numa moça, pode-se afirmar que a está predispondo ao desespero existencial. Seja a "doença até a morte" de Kierkegaard, ou a "loucura" descrita por Laing e pelos "antipsiquiatras", o que a mulher experimenta é o terror de ser, é a fuga de seu verdadeiro eu. Colocar-se nesse estado ou desejá-lo deliberadamente é, de fato, existir em pecado.

As mulheres consolam-se em geral com as definições tradicionais de pecado, todas elas decorrentes de antigas noções

---

25. Adrian van Kaam, *Envy and originality*, Garden City, Doubleday & Co., Inc., 1972, p. 65-6.

implícitas em atos destinados a transcender as limitações. Entende-se que pecado é "rebeldia, desavença deliberada, ou erro de conduta". Em particular dentro da tradição judaico-cristã, ele tem sido entendido como um ato de auto-afirmação ou de orgulho. Nossa tendência é ver no pecado uma decorrência da força, um ato indesejado de melhor desempenho ou de excesso. As mulheres são particularmente propensas a pensar segundo essa suposição, deixando de ver que as raízes do pecado estão na impotência e na passividade. O conceito que Kierkegaard tem do "terror" ilumina outra forma de considerar-se o pecado:

"Por conseguinte, o terror é a tontura da liberdade que ocorre quando o espírito apresenta a síntese, e a liberdade então deita seu olhar para a própria possibilidade de ser, agarrando-se à finitude para sustentar-se. Sucumbe a liberdade diante dessa tontura. A psicologia não pode ir além disso. Nesse mesmo instante, tudo está mudado, e, quando a liberdade se ergue de novo, vê que é culpada..."

O terror é uma debilidade de mulher em meio à qual desfalece a liberdade. Falando em termos psicológicos, cair em pecado sempre acontece na impotência<sup>26</sup>.

Kierkegaard iguala pecado ao desespero de "não desejar ser si mesmo", à resposta de fuga da pessoa diante do terror da autonomia. É evidente o preconceito cultural e histórico de Kierkegaard quando usa o qualificativo "de mulher" para descrever a psique paralisada; mesmo assim, isso pode revelar a disposição predominante nas mulheres. Sua crença na "devoção" e na "submissão" naturais à mulher faz com que conclua que as mulheres pecam de modo diferente dos homens. Essa confusão tem funcionado como clichê teológico e como um meio a mais para racionalizar o ato das mulheres que abdicam de sua autodeterminação<sup>27</sup>.

---

26. Søren Kierkegaard, *The concept of dread*, trad. Walter Lowrie, Princeton University Press, 1957, p. 55.

27. Søren Kierkegaard, *Sickness unto death*, trad. Walter Lowrie, Princeton University Press, 1941, p. 83.

Para muitas mulheres, o pecado deve ser descrito como "recusa de tomar consciência". Ao terror da liberdade acrescenta-se o terror da culpa. A filha envenenada, mas não por sua culpa, maculada e vulnerável ao narcisismo distorcido que afligiu sua mãe antes dela, permite-se afundar num estado de animação suspensa. Ela existe, condenada por si mesma à repetição da vida, em vez de destinada a sua transcendência, limitada às possibilidades do eu, presa na armadilha da imanência. Comeu o fruto envenenado. Que catástrofe, que apocalipse pode resgatá-la?

O primeiro passo para qualquer mulher é o exorcismo de sua relação com a própria mãe, viva ou morta, real ou mítica, amorosa ou não. O segundo é o exorcismo de suas relações com outras mulheres, e o risco de ir em busca tanto delas como de homens, para o estabelecimento de amizades verdadeiras. Esses dois projetos exigem que a mulher se descarte de muitas camadas de sua socialização feminina, responsáveis pelo envenenamento de suas capacidades; exigem que a mulher busque a maturidade espiritual e a integridade por meio da androginia.

Deve-se distinguir a androginia da bissexualidade. A sexualidade nos seres humanos não é uma espécie de "sizígia" (par cuja existência é mantida por sua complementariedade essencial). É, antes, como cada vez mais o comprovam as pesquisas endocrinológicas e psicológicas, um *continuum*. A androginia não é um certo tipo de sexualidade; é o resultado de um intercâmbio dinâmico de energias dentro de um sistema contínuo. Não avançar ao longo desse *continuum* seria o mesmo que tentar impedir um hemisfério cerebral de interagir com o outro.

Tampouco androginia representa "masculinizar" as mulheres. Significa, porém, abandonar uma constelação estereotipada de qualidades em favor de uma sexualidade dialética, de uma personalidade criativa. Nesse sentido, a androginia pode ser o elo, a ponte, o ponto de mutação entre a heteronomia e a autonomia, o passo adiante rumo à pessoa completa.

Em sua autobiografia *Mutações*, Liv Ullmann parece estar descrevendo essa transição:

"Entrei mais em contato com os outros. Encontrei respeito quando me tornei independente, quando parei de me apegar. Quando deixei de depender tão desesperadamente dos outros para minha própria felicidade.

As exigências e as expectativas com relação ao comportamento dos outros, para me tornarem segura, desapareceram. Não por completo. Não para sempre. No entanto, nunca mais voltei ao antigo estado...

Às vezes minha consciência não me atormentava mais por tudo que eu não tinha feito e não sabia. Senti prazer em minha recém-descoberta capacidade de tomar minhas próprias decisões (mesmo quando eram ruins), senti prazer em meu trabalho, em ficar zangada, em chorar, em rir, em viver.

Alegria em permitir-me ser eu mesma, positiva ou negativa.

Não foi um milagre qualquer que me transformou. Eu não fiquei vivendo feliz para sempre, daí em diante. Muitas vezes tinha medo.

Porém, eu estava muito mais rica internamente. Estava mais minha amiga...

Eu costumava querer esconder-me no bolso de alguém e ser capaz de pular para fora sempre que isso me fosse conveniente. Agora vou por aí ouvindo os gritos das mulheres que imagino estarem trancadas dentro do bolso de alguém<sup>28</sup>.

A mulher que se desemaranhou, que desabrochou sua integridade, que saiu do que Kierkegaard chama de "desespero de não desejar ser si mesmo", a mulher que, em resumo, passou a amar a si própria, não tem receio de amar os outros. A vida não é mais um jogo de xadrez, com os homens alinhados de um lado e as mulheres do outro; somente opostos podem tocar, amar e unir seus corações, cada peça deslocando-se segundo padrões rigidamente definidos de movimento, branco

28. Liv Ullmann, *Changing*, Nova York, Bantam Books, Inc., 1977, p. 172, 196 e 251.

a preto, peão a peão. O balé da vida passa a lembrar mais o jogo do ludo chinês do que de xadrez.

A evolução da fêmea estereotipada até se tornar a mulher autônoma não acontece por um toque de mágica da varinha de condão da boa fada madrinha. Trata-se de uma lenta e geralmente dolorosa transformação. Para algumas poderá custar a vida inteira. Muitas mulheres que embarcaram nessa jornada descrevem seu estágio inicial como o processo de discernir se por hábito comportavam-se de modo diferente com mulheres e com homens, tomando então a decisão de serem elas mesmas com os representantes dos dois sexos. Esses comportamentos são tão compulsivos que às vezes algumas delas expressaram o desejo de filmar-se para ver-se em ação imediatamente após. As que se dão conta de uma dicotomia extrema com freqüência precisam de um período de "retiro", com a companhia intensa e exclusiva de mulheres, até estarem prontas a emergir e unir-se outra vez ao fluxo comum. Quando o fazem, os problemas de "reingresso" são muitas vezes agudos; um deles consiste em encontrar homens e mulheres que estejam se movendo no mesmo sentido. Para a mulher que tem uma carreira profissional, essa mudança pode ser ainda mais drástica, e talvez ela precise iniciar um complexo e gradual processo de educação para seus contatos profissionais, ou precise mudar de emprego.

Entre outros sinais de mudanças em andamento estão os de se desvencilhar de hábitos compulsivos de vestuário, de corte de cabelo e de maquiagem, deixando surgir um estilo pessoal que acentue o auto-respeito e a individualidade. As mulheres em busca de sua autonomia irão naturalmente buscar a companhia de outras mulheres que estejam vivendo uma "transformação total" e talvez também um novo grupo de amigos do sexo masculino. As prioridades sociais diante de homens e mulheres irão se igualar. Um programa noturno com uma amiga será tão importante quanto com um amigo.

Será mais fluida a vivência da confiança. Elogios e manifestações sinceras de alegria devido ao sucesso de outra pes-

soa virão com mais facilidade. A mulher autônoma tem mais probabilidade de prestar um apoio verdadeiro e de ser menos sentimental em seus relacionamentos. Gozará de mais liberdade na manifestação de seu afeto por homens e mulheres porque tem confiança no controle de sua própria vulnerabilidade e não está tão ávida por reforço emocional para seu ego frágil. A recém-desenvolvida assertividade em situações que antes arrancavam em geral respostas femininas "de choque" irá aumentar sua autoconfiança e seu prazer genuíno de desfrutar a vida.

As mulheres autônomas esperarão algo mais de seus relacionamentos femininos do que o "aconchego" que destaca as irmãs numa grande família, os dormitórios da faculdade, a "panelinha" do clube; esperarão mais do que a síndrome das "Mulherzinhas". Haverá menos conversas fúteis, menos ataques de confissão, menos novelas de televisão e menos compras, e mais momentos de repartir e projetos de atuação social.

---

"Beth, Beth, você está equivocada. Você ainda está dentro do armário; por quê? Você ainda não consegue se amar e, por isso, não consegue amar outras mulheres de verdade? Ou está apenas com medo do que a sociedade pode lhe fazer se se levantar e disser que ama mulheres?"

Laura, você está mesmo segura de se amar mais do que eu me amo? Eu bem que gostaria que as pessoas simplesmente parassem de ir para a cama umas com as outras por um ano! Talvez assim todos endireitássemos nossas cabeças. Veríamos o que de fato nos une."

Marge Piercy, *Small changes* (Pequenas mudanças)

---

É inevitável que muitas mulheres cheguem a um ponto em suas vidas no qual irão sentir a possibilidade de uma realização extasiante com seu relacionamento com uma outra mulher, e a seguinte questão irá se colocar para elas: precisará um relacionamento total entre mulheres chegar à intimidade física?

A idéia de que uma amizade íntima deva inevitavelmente levar à intimidade sexual é um pressuposto bastante determinista e, sem dúvida, um reflexo da cultura narcisista e genitalizada. Não obstante, podem ocorrer encontros sexuais, em particular se interferir a ilusão romântica, ou seja, aquela espécie de amor que Guitton descreveu como “receber em si mesmo uma imagem própria que deriva do ser amado”. A amizade é, para ser mais precisa, uma tentativa de transcender as projeções e as introjeções implícitas na relação sexual. Portanto, parece mais que a amizade exclui, em geral, intimidades físicas e exclusividade, pois admiti-las seria justamente alterar de modo radical esse relacionamento.

Porém, a sexualidade é um *continuum*, e não compartimentalizada e hermeticamente fechada, isolada do resto de nosso ser físico. Os encontros físicos e mesmo os sexuais de fato acontecem entre mulheres, e devem ser compreendidos em seu contexto. O fato de duas amigas íntimas jamais se beijarem não diminui a ressonância sexual que talvez envolva o relacionamento. Como declara Lillian Hellman acerca de sua amizade com “Julia”:

“Houve muitos anos, quase, entre a Noite de Ano Novo e o trem que ia para a Alemanha. Durante esses anos, e depois da morte de Julia, tive muito tempo para pensar sobre o amor que lhe dediquei, forte e complicado demais para ser definido como apenas os anseios sexuais de uma moça por outra. E, no entanto, por certo que havia isso. Não sei, nunca me importei, e agora é um jogo inútil de adivinhações. Não prova muita coisa o fato de nunca termos nos beijado. Mesmo quando me inclinei sobre seu caixão mortuário num velório em Londres para beijar seu rosto destroçado, recomposto de modo tão medonho, não foram as terríveis cicatrizes que me incomodaram: uma vez que eu nunca a havia beijado, talvez ela não quisesse que agora eu o fizesse, e por isso apenas toquei seu rosto”<sup>29</sup>.

Kinsey (1953) e Hunt (1974) descobriram que uma entre cinco mulheres solteiras, e que uma entre dez casadas, aca-

29. Lillian Hellman, *A book of portraits, Pentimento*, Nova York, New American Library, Signet Book, 1974, p. 93-4.

bam por viver um encontro homossexual. Além disso, a intensa emotividade que em geral caracteriza as relações entre mulheres pode muitas vezes se transformar em paixão, em particular na adolescência, ou nas mulheres que estão atravessando o processo de atingir uma identidade autônoma. Sentir amor por outra mulher, com ou sem intimidade sexual, pode porém ser distinguido do lesbianismo. Nos tempos atuais, o lesbianismo implica um compromisso com um determinado modo de vida, refere-se a uma escolha de companheiras que exclui automaticamente os homens e que coloca uma distância nas situações dominadas por eles.

Ao largo de toda a história, o lesbianismo tem sido visto como pecado, crime, enfermidade mental ou opção de vida. Não se conseguiu comprovar, a contento, nenhuma causa isolada como fator determinante dessa preferência homossexual, embora tenham sido várias as teorias propostas. Existem teorias psicológicas: o lesbianismo é um “incesto emocional com a mãe”, é a “rejeição da estreita feminilidade da mãe”, é o “medo do pai, do homem”. Temos teorias teológicas: às relações homossexuais são “atos vergonhosos praticados contra a natureza”, são “atos que carecem de uma finalidade essencial e indispensável”, são “uma confusão simbólica”. Teorias existenciais: “é uma questão de escolha, à qual se chega dentro de uma complexa situação total que se baseia numa decisão livre; não há um destino sexual a governar a vida das mulheres individuais: seu tipo de erotismo, pelo contrário, expressa sua visão geral de vida”. Teorias sociológicas: a preferência homossexual é “um sintoma da desvalorização do feminino em nossa sociedade”, ou “uma alternativa à inadequação e à imaturidade masculinas inerentes a nossa cultura”, ou “um protesto social significativo”<sup>30</sup>.

30. Charlotte Wolff, *Love between women*, St. Martin's Press, 1971, p. 69. Ver também Ruth Tiffany Barnhouse, *Homosexuality: a symbolic confusion*, Nova York, Seabury Press, 1976, p. 84; Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, *Declaração sobre certas questões relativas à ética sexual*, Washington, D.C., Conferência Católica Americana, 29 dez. 1975; Simone de Beauvoir, *The second sex*, cit., p. 392.

Nenhuma das teorias oferece uma explicação completa do lesbianismo, embora todas elas contribuam de algum modo para o quadro geral. Não é destino, nem perversão; é uma realidade com raízes pessoais e sociais. Não é um estado de ser irreversível e determinado, mas uma preferência forjada por uma série de escolhas diante de fatores circunstanciais vigentes por um longo período de tempo. Na medida em que é uma escolha, pode contribuir para a autonomia (embora esse efeito possa ser tornado óbvio pela energia despendida no confronto com o custo tanto psicológico como social implicado num desvio da norma). Na medida em que é um sintoma — de imaturidade, de privação psicológica, de alienação política —, deve ser considerado como uma fase transitória. Pode ser, como o é muitas vezes, apenas uma outra investida contra a “tirania do casal”, um relacionamento simbiótico não-resolvido. O estilo lésbico de vida pode ser simplesmente uma questão de trocar uma “fórmula” de identidade feminina por outra. Seus aspectos de “panelinha” e conformidade são freqüentes provas disto.

A atual visão sobre o lesbianismo radical, porém, assim como o fenômeno *gay* em geral, indica que, culturalmente, atingiu-se uma crise “limítrofe”. Chegamos aos limites absurdos da tirania social da estereotipação do papel sexual. O desvio sexual torna-se um mecanismo de sobrevivência para enfrentar o dilema de uma polarização psicológica extrema. Em algumas pessoas, torna-se uma aguda manifestação de sexismo — *Homosexual matrix* (Matriz homossexual), de C. A. Tripp, está repleto de exemplos. No caso de outras, constitui uma tática empregada para enfrentar uma condição: “separatismo” político tanto quanto rejeição psicológica de um papel inaceitável.

Nesse sentido, é significativo que os homens com freqüência envolvam-se em experiências homossexuais antes de encontros heterossexuais. Já no caso das mulheres, em geral seguem anos de “normalidade” heterossexual. A incidência de lesbianismo em mulheres separadas, divorciadas e viúvas —

assim como entre prostitutas — parece ser maior do que na maioria da população feminina.

A moda atual de cirurgias transexuais é um outro corolário da crise de limites, e talvez o mais cruel de todos. Constitui possivelmente a mais dramática prova da tirania dos papéis sexuais em nossa sociedade. Se a sexualidade fosse considerada um aspecto secundário de uma humanidade compartilhada em vez de a essência da personalidade, é possível que algumas pessoas decidissem não ser tão necessário se mutilar para liberar suas almas.

Pode ser então que a androginia seja uma exsudação necessária de nossa moléstia social. À medida que for aumentando, a homossexualidade irá ao mesmo tempo perdendo seu significado social; em vez de psiques alternativas e de identidades polarizadas, a vida irá oferecer muitos caminhos para uma personalidade única e plenamente desenvolvida, num mundo que, como sugeriu Anaïs Nin, teria como único tabu não estar amando.

O desenvolvimento da androginia e, por conseguinte, a perspectiva da diminuição da homossexualidade, parece ter uma estreita ligação com dois fatores: as práticas de educação infantil e o papel das mulheres. A experiência de duas culturas — chinesa e israelense — tem uma significação especial. A incidência de homossexualidade em ambas as culturas é, aparentemente, insignificante. Um psiquiatra fez o seguinte comentário sobre a moderna abordagem chinesa:

“Esse sistema, no qual as crianças são expostas desde cedo aos cuidados e à supervisão de outros adultos além dos pais, e em que é significativamente reduzido o período de tempo empregado com a interação familiar, dentro do lar, não permite a atmosfera de intimidade intensa e exclusiva que predomina nas famílias ocidentais, em que todos os processos inconscientes do desenvolvimento psicossocial da criança se enfatizam, principalmente, nos relacionamentos com seus pais. Esse sistema, portanto, garante uma excelente proteção contra o desenvolvimento dos tipos de padrões familiares dos quais surge a homossexualidade. (Essa interpretação é ainda endossada pelo fato

de a homossexualidade ser quase que desconhecida nas pessoas que são criadas nos *kibutzim* israelenses.)

O papel das mulheres na China também é muito diferente do das ocidentais. As chinesas não são educadas para acreditar que a maternidade é sua maior ou principal vocação. Espera-se que todos trabalhem fora de casa, as mulheres assim como os homens, e todos são treinados para exercer uma ocupação ou ter uma profissão. As mulheres não são excluídas de nenhum projeto somente por causa do sexo. Aos olhos ocidentais, a vestimenta para homens e mulheres é igual e de modo algum sexualmente provocante<sup>31</sup>.

Embora se possa duvidar de que se a sociedade é isenta de desvios ostensivos deve sê-lo também de psicológicos, as provas sociológicas sugerem que a homossexualidade está estreitamente relacionada às estruturas patriarcal e individualista prevalentes nas culturas ocidentais.

Elevar uma sociedade ao ponto de só restar o tabu de não estar amando, e reformular cada um para que “ame e faça o que deseja”, são objetivos dignos da aspiração e dos esforços humanos. A androginia é o caminho para a autonomia do si-mesmo e para a maturidade social. Existirá porém mais do que autonomia em termos de um desenvolvimento?

A pessoa religiosa deverá responder “sim”. Há mais crescimento pessoal, existe um ponto de referência além do si-mesmo que não se pode ignorar. O limiar da existência religiosa, teônoma, só é ultrapassado à custa de se possuir uma autonomia ética, mas, no encontro com a ordem sagrada além da pessoal, enfrentamos uma finalidade, um projeto determinado. Como pode então nosso esforço para alcançar a androginia — como catalisadora de uma existência autônoma — compor com o projeto eterno? Será esta, na realidade, uma contradição das revelações proféticas da maioria das religiões?

Parece que não, desde que a pessoa encare a criação como um processo. Se ela aceita a noção de uma ordem sagra-

31. Ruth T. Barnhouse, *Homosexuality*, cit., p. 158.

da, então os atos humanos devem ser dimensionados segundo o grau de sua proximidade em relação ao objetivo da própria criação. Se a ordem sagrada prescreve (como parece indicar a evolução do córtex cerebral) um controle humano cada vez maior sobre os próprios processos da criação e sobre a própria natureza humana, e, se seu objetivo (como parece sugerir a evolução de formas superiores) é uma convergência cósmica, então o limiar da androginia e a liberação das mulheres devem ser considerados como nada menos que o ponto de uma “massa crítica” na evolução. Retrospectivamente, as palavras da Epístola aos Gálatas tornam-se não uma declaração de fatos, não apenas um clichê simbólico, mas sim a profecia de um reino futuro:

“Não há judeu, nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gál 3,28)\*.

A androginia é uma pré-condição da liberação de uma personalidade aprisionada num papel sexual. Sem ela, a amizade é impossível; com ela, a fraternidade autêntica se torna o sacramento da autonomia.

Cada uma de nós tem um roteiro pessoal da Branca de Neve. O meu é um sonho em que os anões — aqueles andróginos embrionários — são transformados nas irmãs adultas da Branca de Neve. Elas a libertam do caixão e do veneno e juntas saem para ir salvar o Príncipe!

\* Nota da Tradutora: citação extraída de *Bíblia de Jerusalém*, 4. imp., Edições Paulinas, 1989.